

SERMAÔ V
NAS

EXEQUIAS

DA SERENISSIMA RAINHA N. SENHORA

D. MARIA SOFIA
ISABEL DE NEOBURG,

Celebradas em 19. de Agosto de 1699. em o Real Con-
vento de S. Francisco da Cidade de Lisboa pela Or-
dem Terceira, sendo Ministro o Conde de Val de
Reys. Fez Pontifical o Illustrissimo Senhor D.
Fr. Antonio Botado, Bispo de Hipponia.

PREGOU-O

OP. Fr. FERNANDO DA SOLEDADE,
Chronista da Ordem de S. Francisco na
Provincia de Portugal.

Da-o a luz

DOMINGOS FERREIRA PEGADO.



LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1699.



A2

V
SERMÃO

N.º 2

EXEQUIAS

DA SERENÍSSIMA RAINHA N.ª SENHORA

D. MARIA SÓFIA

ISABEL DE NEUBURG

Celebradas em 19. de Agosto de 1759. em o Real Con-

vento de S. Francisco da Cidade de Lisboa pela Or-

dem Tercera, sendo Ministro o Conde de Val de

Reys. Fez Pontifical o Illustrissimo Senhor D.

Fr. Antonio Botado, Bispo de Hippont.

PREGOVO

OP. FR. FERNANDO DA SOLEDADE

Chouffre da Ordem de S. Francisco na

Provincia de Portugal.

Deo a las

DOMINGOS FERREIRA PEGADO.



LISBOA

em 1759. Impressão de S. Francisco da

Impressão de S. Francisco da
Com todos os licenças necessarias. Anno de 1759.

PROLOGO

ao Leytor.

E Ste Sermaõ, que entre os mais singulares mereceo nesta occasiaõ a fortuna de levar o commum applauso desta Corte, & a dita de dar (por ser o primeiro) assumpto a varios Emblemas, & Poefias diversas, & ainda a Orações Euangelicas, teve muitos motivos para ser acedor de tanta gloria. O primeiro foi o breve espaço de nove dias, que deraõ ao Author d'elle; pois por se achar acaso nesta Corte sem prevençaõ algũa mais que a do seu talento, nem tempo teve para o transferir da idea ao papel. O segundo foi a formalidade, & natural deduçãõ do thema, sem algũa violencia, de tudo quanto disse

nas Exequias da Senhora Rainha , que
 Deos tem , em ordem a significar o senti-
 mento dos vassallos pelas circumstancias
 observadas na sua ditosa morte. Estas , &
 outras infinitas saõ as causas , porque este
 Sermaõ levou tam avultados louvores; os
 quaes querendo eu acreditar com a me-
 moria futura, pertendi dallo à estampa ; &
 para que tivesse o mundo experiencia do
 que ainda nem eu fei bem encarecer , co-
 mo era razãõ , & divida.

Vale.



Oritur Sol, & occidit. Eccles. 1.



O mesmo dia, em que o Sol nasce, em esse mesmo dia morre o Sol: *Oritur Sol, & occidit.* Isto refere Salamaõ como Pregador de defen- ganos, & isto mesmo repito nesta hora como explanador de sentimentos, & na verdade que para significar os que nos assistem na morte da

fempre memoravel, quanto suspirada Rainha nossa Senhora, não podia a minha intelligencia fazer melhor eleição, que a do presente Texto; porque não podia haver thema, que fosse tam conforme com a nossa magoa; nem a nossa magoa podia ser mais bem inferida, que do presente thema. He o Sol entre os mais astros, a creatura mais agradavel, nobre, & resplandecente; elle goza o imperio superior na monarchia das luzes, a todos domina com o agrado de sua graça, a todos vivifica com os alentos de seus influxos, todos o estimaõ, & desejaõ todos: & sendo em tudo, como he, hum desempenho illustre da suprema Sabedoria do Omnipotente: *Omnia in sa- Psalms. pientia fecisti*; não faltou hum Euripides, que o intitulasse, ^{103.} Torraõ de terra dourado: *Solem auream esse glebam.* E não foi Eurip. desconforme com a razão a Filosofia do Sabio, porque não deixa de ser terra fragil, (ainda que seja hum Sol) quem padece occasos de morte no mesmo dia, que conta orientes de vida: *Oritur Sol, & occidit.* Donde infiro, que assemelhando-se o Sol á terra pela razão da morte, bem podemos tambem comparar a terra humana com o Sol na consideração do occaso: *Oritur Sol, & occidit.* Mas que terra humana póde lo-

grar com tanta propriedade esta femelhança do Sol, como a Rainha nossa Senhora, a quem choramos sepultada? Todas as creaturas são terra: *Terra es*; mas nenhũa foi terra que tivesse, como ella teve, tam parecidas com o Sol as acções da vida, nem tam proporcionados com o mesmo Sol os occidentes da morte: *Oritur Sol*, &c. Porque se a Rainha nossa Senhora foi como o Sol entre os astros da sua Republica, singular na perfeição, nobreza, & resplendor dos bons exemplos; se como Sol teve o imperio sobre todos, sendo Rainha Augusta da nossa Monarquia; se como Sol a todos dominou com agrado, porque o tinham todos em lhe tributar rendimentos humildes; se como Sol a todos deu alento com os influxos de suas virtudes; & de todos foi amada pelas prerogativas de suas obras; tambem como Sol achou os occasos funestos da sepultura no mesmo dia, em que contava os orientes da vida; porque se a seis de Agosto foi o dia em que nasceo, a seis de Agosto foi o dia, em que se sepultou. Eis-aqui a primeira conformidade. O Sol, por disposição da Divina Providencia, não tem mais que doze estancias, que são doze signos, em que ostenta o resplendor de seu imperio: assim a Rainha nossa Senhora, para que em tudo tivesse as propriedades de Sol, não logrou mais que doze signos, que foraõ doze annos de purpura nesta esfera Lusitana. Estas, & outras que ainda veremos, são as razões de femelhança descubertas em hum Sol dolorosamente sepultado, pelo espelho funesto de outro Sol defunto; & se bem repararmos, he cada hũa dellas hum despertador vehemente da nossa magoa; assim o vereis nos discursos desta Oração funebre, dividida em duas partes, ou em duas razões de sentimento: a primeira fundada em ser dia da morte o mesmo dia da vida, ou dia da sepultura o mesmo dia dos annos: a segunda derivada da brevidade delles; pois como Sol apetecido, & Rainha desejada, nem excedeo o numero dos doze signos, para ser mais sentida a sua ausencia; nem passou o termo de doze annos, para ser mais aguda a nossa saudade. Estas são as razões, entremos a ponderalas naquella

quella fôrma que nos foi possível em dias tam breves.

§. I.

P Rimeiramente assim como o Sol morre no mesmo dia em que nasce, assim a Rainha nossa Senhora no mesmo dia de seu nascimento foi depositada nos funestos pavores de hum sepulchro, & sendo este successo pela occasião do dia tam digno de nota, não me sei determinar, a que attribua tam ináudito successo. Para dizer que foi pouca fortuna sua, encontrar a morte na mesma estancia onde recebêra a vida, he manifesto engano; porque teve as propriedades de Sol, & neste Planeta he natural sentir os luctos do occaso no mesmo dia, em que veste os resplandores do Oriente: *Oritur Sol, & occidit.* Para dizer que foi castigo nosso, & que para ser mais activa a pena, esperou Deos por este dia, para nelle nos tirar dos olhos aquella suspirada Magestade, fallarei com mais fundamento, porque desta sorte se experimenta o rigor dos grandes castigos.

Celebrando a festa mais illustre de seu Imperio derivada da felicidade de seus annos, apresentou El Rey Balthasar aos seus Principes, & validos hum banquete admiravel, & quando estavaõ mais elevados no applauso de tanta ventura, appareceo em frente da luz na parede hũa sentença de morte contra o mesmo Rey, & isto no mesmo dia, & ainda na mesma hora: *In eadem hora apparuerunt digiti, &c.* Não pondero aqui qual foi a magoa dos circunstantes, porque todas as atenções me arrebatam esta determinação Divina. Senhor, que sentença he esta? Na mesma celebridade da fortuna mostrais o annuncio da desgraça? Significais o golpe da morte na mesma hora em que se applaude o dia da vida? Sim, que esse he o mayor castigo, porque esse he o mais activo tormento; & se não vede. Quiz Deos castigar rigorosamente aos Caldeos com a morte do seu Rey, em satisfação de lhe terem profanado o Templo de Jerusalem: & que fez? Esperou pelo dia em que solemnizavaõ a memoria dos annos do mesmo Rey,

Daniel.
S.
Heet.
Pint. ib.
Alap. &
alii.

& por elles os graos da sua felicidade, porque à vista de tanta fortuna, fosse na morte do Principe mais vehemente a dor da sua desgraça : *In eadem hora.*

Ainda que as felicidades sejaõ de sua natureza muito diferentes dos infortunios, são porèm muito parecidos nos termos os infortunios com as felicidades : as felicidades entraõ fervem de mayor agrado, quando vem successoras dos infortunios, assim estes entraõ occasionaõ mayor martyrio, quando são consequencias das felicidades. Ver a dita no mesmo theatro da desgraça, he mayor dita; do mesmo modo, ver a desgraça no mesmo throno da ventura, he mayor desgraça. Isto supposto :

Quem me diz a mim, não quizesse Deos castigar a Portugal rigorosamente com a morte daquella Magestade por quem choramos, & suspiraremos sempre, & que para ser mais executivo o nosso sentimento, lhe preparasse a sepultura para o dia, em que contavamos os graos da nossa felicidade pelo numero de seus annos? Que seja castigo de hũa Monarquia o occaso de hũa Coroa, Jeremias o disse bem magoadado : *Cecidit coronâ capitis nostri, v. e nobis, quia peccavimus.* Que seja mayor o sentimento pela occasião do dia, não padece duvida : porque ver o dia da morte no dia da vida, ver o dia da sepultura no dia dos annos, este he o motivo do mayor sentimento.

E a razão he, porq̃ o rigor dos males tem a sua actividade conforme a esperança dos homẽs. Como tudo tem seu tempo : *Omnia tempus habent*, & he diferente o tempo em q̃ se nasce, do tempo em q̃ se morre : *Tempus nascendi, & tempus moriendi*, que faz o homem neste caso? Sabeis o q̃ faz? Forma diverso conceito entre o dia da morte, & o dia da vida, & como os divide com o discurso, he forçoso que tambem os aparte com a esperança; donde procede esperar o homem a vida no dia da vida, & esperar a morte no dia da morte : o dia da morte he aquelle, em que se acabaõ os dias; o dia da vida he aquelle, em que se contaõ os annos. Agora para a razão. E encontrando-

Thren.]

5.

Ecclef.

3.1

3.1

3.1

se no dia em que se contaõ os annos, o dia em que se acabaõ os dias; encontrando-se (digo) o dia da morte no dia da vida, quem pôde deixar de inferir que ha de ser grande o sentimento do homem? & a razão he, por ser totalmente contra a sua esperança este motivo de sentimento. Se a morte viera no dia da morte, não fora tam grande a dor, porque chegava a morte, quando já não se esperava a vida; mas vir a morte no dia da vida, he motivo de hum pezar vehemente, porque se perde a vida, quando menos se esperava a morte, ou se experimenta a morte, quando mais se esperava a vida.

Tristes, & excessivamente magoados caminhavaõ no dia da Resurreiçãõ para o Castello de Emaüs dous Discipulos de Christo; sahiohes o Senhor ao encontro em trage de peregrino, & lhes perguntou a causa da sua tristeza: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes?* Luc. 24. Quereis ouvir a prova da minha razão? notai a resposta dos Discipulos magoados: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel.* Stella Ouvi agora a Estella: *Nos autem sperabamus eum hodie resurrecturum, sed jam non est quid speremus.* Ibid. Diziaõ elles: Nós tinhamos esperança de ver hoje a Christo gozando os resplandores da vida por meyo de sua Resurreiçãõ gloriosa, mas segundo as nossas conjecturas, não temos já que esperar, porque existe sepultado entre os horrores da morte: *Jam non est quid speremus*; por isso estamos tristes, & dolorosamente afflictos, porque consideramos a Christo morto no dia, em q̄ esperavamos a Christo vivo: *Nos autem sperabamus.* Notavel razão! Qué dizeis Discipulos illustres? Entendia eu, q̄ todas essas magoas haviaõ de ser proferidas, quando Christo estava na Cruz, & não quãdo o Senhor estava no monumento; porque no sepulchro estava para resuscitar, & na Cruz estava para morrer. Por isso mesmo (dizem os Discipulos) estamos agora tristes, & bem tristes; porque esperando na Cruz a sua morte, esperavamos tambem hoje no sepulchro a sua vida: *Nos autem sperabamus.* A nossa esperança tinha divididos, & separados aquelles dous dias, de Christo,

sto, o dia da morte, & o dia da vida; porque o esperavamos vivo no sepulchro, assim como o esperavamos morto no Calvario: chegou a morte no Calvario, & como veyo no dia da morte, não fez tanta impressãõ em nossos corações, como agora o considerar a Christo morto no sepulchro, porque ifso he frustrar-se a nossa esperança, ifso he ver a morte no dia da vida, ifso he ver a Christo morto no dia em que esperavamos lograr a Christo vivo: como lhe esperavamos a vida neste dia, por ifso neste dia estamos tam tristes, & magoados na consideração da sua morte: *Nos autem sperabamus.*

Oh admiravel consideração! Que dia entre todos era mais proprio para esperar a vida da Rainha nossa Senhora, do que aquelle, em que lhe contavamos os annos? Este era o mais proprio, porque este legitimamente he o verdadeiro dia da vida; & que succedeo neste dia? Succedeo o occaso da sua morte, porque a vimos defunta, & sepultada entre os lugubres horrores de hum monumento no mesmo dia. Eis-ahi a nossa esperança frustrada! Eis-ahi o rigor do nosso castigo! Eis-ahi a origem do nosso mayor sentimento! *Nos autem sperabamus: jam non est quid speremus.*

Eu não ignoro ser muito antigo no mundo succeder a morte no dia da vida, & a sepultura no dia do nascimento; porque o Sol, em que Deos delineou como doutrina os termos da duração do homem, tem occasos funebres no mesmo dia que logra orientes alegres: *Oritur Sol, & occidit.* E ainda antes que o Sol apparecesse no mundo, nos quiz dar o Creator este documento, fazendo a manhã, & tarde tudo dentro da esfera de hum dia breve: a manhã, que significa a vida; a tarde, que symboliza a morte: a manhã, que figura o nascimento; a tarde, que representa o sepulchro: *Factum est vespere, & manè dies unus.* Não ignoro tambem, que por satisfação das queixas que podiamos proferir em semelhante fortuna, expoz a Divina Providencia nas creaturas intelligiveis exemplos, & com especialidade nas luzes, flores, & brutos: nestes testimunha a Efimera, que no mesmo dia em que nasce, morre.

morre. Nas flores mostra communmente a experiencia o mesmo occaſo no dia do ſeu primeiro alento. Nas luzes publicaõ os ſeus reflexos, ſepultados em tumulos de ſombras triftes, que no meſmo theatro foraõ admiravel reſplandor do mundo. Nada diſto ignoro; mas a noſſa eſperança como ſegue por norte o deſejo, & faz diviſãõ entre dia da morte, & dia da vida, nunca considera trocadas as mãos da fortuna, & como lhe falta eſte diſcurſo para prevenir-ſe com o deſengano, por iſſo nas repentinas experiencias ſe confunde com o ſentimento. Eſta he a mais genuina razaõ; mas ainda a per- tendo explicar com mayor clareza neſta figura.

Rogou Joſeph a ſeu pay Jacob, que lançaſſe a bençaõ a dous filhos ſeus, hum chamado Manaffes, outro Eſraim, & vendo conformes o deſpacho com a ſupplica, (notai a diſpoſiçaõ:) a Manaffes, que era o mais querido, poz Joſeph da parte direita de Jacob, & a Eſraim da parte eſquerda, como me- nos amado. Iſto feito, troca Jacob os braços em fórma de Cruz, & pondo a mão direita ſobre Eſraim, que eſtava da parte eſquerda, poz a mão eſquerda ſobre Manaffes, que eſta- va da parte direita: *Qui extendens manum dexteram, poſuit ſuper*

Genel.
48.

caput Ephraim, ſiniſtram autem ſuper caput Manaffe, commu- tans manus. Aqui eſtá o ponto. Repara Joſeph naquelle ino- pinado ſucceſſo, & tomando como injuria a troca das mãos de Jacob, fica ſentido, & gravemente magoado: *Graviter*

Text.
Hebr. &
Lipp. a-
pud Ha-
yc.

accepit; ou como lê o Hebreo: *Ægrè tulit, moleſtè habuiſſe*; ou como diz Lippomano: *Injuriam videbatur*. Notavel ſuc- ceſſo! Que he iſto Joſeph? Porque ves cahir ſobre Manaffes a mão eſquerda de Jacob, por iſſo eſtás ſentido, & magoado? Sim, responde Joſeph; que por iſſo eu o puz da parte direita, eſperado q̄ elle tivesse a bençaõ da mão direita poſto naquella parte; & ver eu trocadas as mãos, ou as fortunas de meu filho, quando o eſperava poſſuidor da melhor fortuna, por eſtar na parte em que ella ſe conſegue, no lugar aonde ſe logra, & na eſtancia aonde habita; quem pôde deixar de conhecer, que tenho hum grande motivo para eſtar magoado: *Graviter ac-*

cep

cepit: Aegrè tulit, injuriam videbatur? Isto he o que diz a Historia; vejamos o que a sua allegoria nos manifesta.

Quem he este Jacob senão hum retrato de Deos lançando a benção ao homem? Quem he este Manasses, senão a creatura? Que significa a mão direita, senão o lugar da vida? Que symboliza a mão esquerda, senão a estancia da morte? Finalmente Joseph, que espera ver o fim do successo, que outra cousa retrata, senão a esperança dos homens? Moralizemos agora. Vê a nossa esperança a hũa creatura no dia em que conta os annos, & que vos parece considera neste caso? Considera na sua vida muita duração, porque desta sorte a vê posta da parte direita, que he o lugar da vida: & que succede muitas vezes? Succede o que Joseph sentia, & succede o que hoje nos magoa, porque acontece trocar Deos como Jacob as mãos da fortuna, & cahir sobre esta creatura a mão esquerda da morte, não obstante estar da parte direita da vida. Oh successo não imaginado, & por isso digno do mayor sentimento! *Graviter accepit: Aegrè tulit.* Se cahira sobre Efraim a mão da morte, não fora espanto; porque assim o esperava o discurso, vendo a Efraim posto naquella parte, que era estancia da morte; mas que chegasse a cahir a mão da morte sobre Manasses, ou sobre a creatura, estando ella da parte direita da vida, como encontra a ordem da esperança, desperta a vehemencia do sentimento: *Graviter accepit, Aegrè tulit.*

Que outra cousa foi sepultar-se a Rainha nossa Senhora no mesmo dia em que contava os annos, senão ver sobre si a mão esquerda da morte, estando ella, conforme a nossa esperança, da parte direita da vida? Se estivera da parte esquerda de Efraim, da parte esquerda do fim dos dias, da parte esquerda da morte, como era esperada a fortuna, não seria tam estranho o motivo da queixa: mas estar da parte direita de Manassés, da parte direita da felicidade dos tempos, da parte direita da segurança dos annos, em fim da parte direita da continuação dos dias, & cahir sobre ella a mão esquerda da occaso, a mão esquerda da morte, a mão esquerda da sepultura,

tura, oh grande injuriã da nossa esperança! *Injuriam videbatur.* Oh grande castigo de nossas culpas! *Cecidit corona.* Oh grande incentivo do nosso pezar, & despertador vehemente do sentimento! *Graviter accepit: Aegrè tulit.*

A morte mais digna de sentimento que se acha nas letras humanas, foi (como refere Cicero) a do famoso Diagoras Rhodio: *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna.* E se quereis saber a razão porque foi tam lamentavel, ouvi o successo. Tinha este Varão infigne tres filhos illustres, & vendo-os a todos tres em hum mesmo dia vitoriosos, lhes sahio ao encontro celebrando alegre o seu triunfo; & foi tanto o alvoroço daquelle pay, que espirou nos braços dos filhos, querendo dar-lhes os braços: *Cum tres filios victores coronari vidisset, in oculis, & manibus filiorum animam efflavit.* Esta foi a morte mais digna de sentimento: *Omni lamentatione, &c.* porque contra toda a esperança succedeo no dia da vida, pois não pôde haver dia, em que hum pay receba nella maiores alentos, do que aquelle em que vê a seus filhos vitoriosos, & triunfantes: & encontrar aquelle pay a mãõ adversa da morte, estando tanto da parte direita da vida; sentir a infelicidade, estando tanto da parte da ventura, oh morte digna de ser universalmente lamentada! *Omni lamentatione, & planctu digna.* Se os filhos morrerãõ na campanha, não seria defusado o motivo do sentimento, porque nesta fortuna adversa, acharia a morte aquelle pay afflicto, & magoado da sua parte; mas na mesma razão de esperar a vida, achar o laço da morte, oh morte digna de todo o assombro, & de toda a lamentaçãõ digna! *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna.*

E se desta maneira commove a ternura a mãõ de Jacob trocada: se desta sorte provoca a lagrimas hũa esperança mal succedida: em fim se por este estylo desperta os sentimentos, ver o occaso da morte no mesmo oriente da vida: oh Sol maggestoso! Oh Rainha illustre, tanto como suspirada! Oh Maggestade defunta! Promptos estãõ nossos olhos para acreditar com lagrimas os sentimentos do coraçãõ, pois vemos hoje a

Cicer.
apud
Textor.
in offic.
& in
com.

nossa esperança de todo desvanecida: *Jam non est quid speremus*: vemos hoje a mão de Jacob trocada: *Commotans manus*. Emfim vemos hoje no lugar do nascimento os pavores do sepulchro, no lugar da vida o horror da morte, & no mesmo dia do oriente alegre, as tristezas do occaso funebre: *Oritur Sol, & occidit.*

§. II.

DEsta sorte he provocativa do nosso sentimento a consideração de que morre o Sol no mesmo dia, em que o Sol nasce; mas não he menos activo despertador do pezar, o discurso da brevidade com que o Sol corre; porque anda tam visinho o seu occaso com o nascimento, que apenas o Sol apparece, logo nos diz o Texto, que desapparece o Sol: *Oritur Sol, & occidit.* Eu não me queixára desta universal fortuna, senão discorrêra ser hum Sol este mesmo que se ausenta com tal pressa. Que hũa exalação corra ligeira: que hum atomo se apresse veloz, não causa affombro, porque emfim he hum atomo, emfim he hũa exalação; mas que hum Sol admiravel! hum Sol Principe dos resplandores! hum Sol Monarca das esferas! hum Sol emblema da fermosura! hum Sol idea da benevolencia! hum Sol geroglifico do agrado! hum Sol vida das creaturas! hum Sol alento das flores! hum Sol creador dos frutos! emfim que hum Sol, alivio, & consolação dos viventes, corra com tanta pressa para o seu occaso, sendo no Equinocio doze sómente as horas de seu gyro, & no discurso de hum anno sómente doze os signos do seu imperio! oh pasmo! oh affombro! oh Sol! Mas ò Portugal, se aquelle Planeta assim acaba com tanta celeridade, no Sol podes ver o retrato da morte que lamentas, pois como Sol, não teve mais que doze annos de Coroa, ou doze signos nos resplandores da purpura, a Magestade que choras: foi breve a sua vida, para que fosse dilatada ò Portugal a tua desconsolação; porque sempre costuma ser a desconsolação dilatada, quando a vida que se chora defunta, he vida breve.

Ouvi mulheres de Israel a palavra de Deos (dizia Jere-
 mias:) *Audite mulieres verbum Domini.* Ensinai a vossas filhas Jeremias 9.
 hũa lamentação compassiva, & dizeilhes que vão tambem en-
 sinando a prantear às suas proximas, & descendentes: *Docete*
filias vestras lamentum, & unaquaeque proximam suam planctum.
 Notavel, & nunca visto tam dilatado choro! Hão de chorar
 as mãys, & hão de ensinar com suas lagrimas as lamentações
 às filhas, & as filhas às descendentes? Isto he hum processo
 infinito de lagrimas; isto he hum abismo interminavel de sen-
 timentos! E qual he o seu motivo, Profeta Santo? Ouvi: Jeremias 9.
Quia mors ascendit per fenestras disperdere parvulos; porque a
 morte entra pelas janellas. Notavel allegoria! E que mais pó-
 de ter a morte introduzindo-se pelas janellas, do que entran-
 do pelas portas? Por ventura tudo não he morte? não he
 desconsolação tudo? Sim he; mas vai muito de desconsola-
 ção a desconsolação, & de morte a morte; & se não vede: A
 morte que entra pelas portas, he aquella que se introduz se-
 gundo a ordem da natureza, porque pelas portas se costuma
 fazer entrada; mas a morte que entra pelas janellas, he aquella
 que entra contra a razão, & ordem natural, porque não se
 usa entrar pelas janellas. Mais claro. A natureza humana he
 hum edificio; a terra em que este edificio se funda, he a pro-
 pria sepultura, que he o mesmo lugar aonde se arruina; as ja-
 nellas que ficaõ mais altas, & distantes da terra, saõ os dias da
 mocidade; as portas que estaõ mais visinhas da mesma terra,
 saõ os annos da velhice. Agora a razão. Entrar a morte pela
 velhice, he natural, porque isso he entrar pela porta; mas en-
 trar a morte pela mocidade, he contra a ordem da natureza,
 porque isso he introduzir-se pelas janellas: entrar pela porta,
 he matar no fim dos dias; introduzir-se pelas janellas, he ti-
 rar a vida na infancia dos annos: entrar pela porta, he consen-
 tir dilatada a vida; entrar pelas janellas, he fazer acelerada a
 morte: o Profeta o diz: *Ascendit per fenestras disperdere par-*
vulos. E he tam digna de compaixão hũa morte tam apressa-
 da, ou hũa vida tam breve, que não bastaõ quaesquer lagri-
 mas

mas para fentila ; haõ de chorar as mãys , & haõ de ensinar às filhas , & estas às descendentes ; he preciso q̄ seja tam dilatado o choró , pois que se representa tam breve a vida ; porque hũa vida tam breve só pôde sentir-se com hũa lamentaçãõ tam dilatada : *Docete filias vestras lamentum , & unaquaque proxiam suam planctum , &c.*

Sap. 4. Bem sei que me direis com Salamaõ , que se foi breve nos annos da Coroa , & ainda da idade a vida da Rainha nossa Senhora , teve com tudo muitas durações pelo numero das suas virtudes : *Consummata in brevi explevit tempora multa.* Foi como Sol , (direis) que na fugacidade de seu curso , lustrando os doze signos , faz nõ discurso de hum só anno , o que muitas Estrellas não conseguiriaõ em dilatados seculos : assim o confesso , & affirmo , & ainda dir ei mais , para mostrar quam longé esta razaõ está de nos divertir o sentimento. Affirmo , & confesso que a Rainha nossa Senhora , como Sol admiravel , nestes poucos annos de Monarquia (que não foraõ mais que doze) ostentou innumeraveis resplandores de boas obras , sendo cada hum dos annos hum signo da sua perfeiçãõ , & cada hum dos signos hum exemplar de copiosas virtudes ; & se quereis ver quaes foraõ os exemplos , ou os signos , em que resplandeceo este Sol defunto , attendei ; mas adverti que logo hei de dar a minha razaõ.

O primeiro signo em que brilhou este Sol prodigioso , foi o da sua caridade , que será memoravel em todos os dias do mundo : tomo por testemunhas os pobres , que ainda nos actos publicos a seguiãõ recebendo esmola de sua maõ Real. As mulheres , & meninos a quem vestia posta de joelhos , & primeiro lavava , & alimpava com suas mãos proprias. As mulheres honestas , & necessitadas , a quem dava refeição , servindo-as á mesa com submissãõ profunda. Allego tambem por testemunha aquella miseravel pobre de Salvaterra , a quem pela ver tam despida , cubrio com suas proprias vezes Reaes ; açcaõ , que se naquelle tempo foi notada pelos politicos da terra , será hoje , & para sempre applaudida entre os Corte-
laõs

saõ da Gloria. Sejaõ tambem acclamadores da sua caridade inexhausta, os desejos que muitas vezes lhe atalhãõ de visitar os enfermos nos Hospitales publicos desta Corte: sejaõ tambem os pobres, que se alimentaõ na Portaria deste Convento, com quem repartio largamente da sua mesa. Testemunhem tambem esta heroica virtude as suas criadas mais inferiores, a quem assistia nas enfermidades com o cuidado de mãy, & facilidade de irmãa, dandolhes por sua mãõ o sustento repetidas vezes. Confessem os visinhos de Beja o amor que tinha ao seu proximo, no Collegio que lhes edificou, pertendendo a sua grande caridade, que a todos se communicasse a doutrina para os acertos, & direcção para os bons costumes. Em fim sejaõ pregoeiros do resplendor deste primeiro signo os rogos, & lagrimas com que pedia a Deos, que se não fossem seus filhos muito tementes ao mesmo Senhor, & muito virtuosos para exemplo, doutrina, consolação, & bom governo dos vassallos, antes lhes dêsse a morte, do que lhes conferisse a vida: até aqui caridade do proximo!

O segundo signo deste Sol Real, foi o affecto com que amava todos os seus vassallos: como se vio quando receitou hum milhaõ, que o Senado desta Cidade lhe offerencia para chapins, respondendo que não queria ver vexações nos povos. O terceiro signo aonde este Sol ostentou seus rayos, foi a frequencia dos Sacramentos, sendo continua no dia da Penitencia, & recepção da sagrada Eucharistia. O quarto signo deste Sol illustre, foi a Oração mental, a que não faltava por algum respeito; prova evidente do fervor de seu espirito, & candidez de sua alma. O quinto signo deste luzeiro lamentavel, foi a devoção com que visitava os Templos nas solemnidades, buscando anciosa a intercessão dos Santos diante de Deos exposto, & sacramentado. O sexto signo em que dilatou seus rayos este Sol magestoso, foi a profissão na sagrada Ordem Terceira da Penitencia de N.P.S. Francisco, em que se manifesta o desejo, com que aspirava ao caminho da perfeição. O septimo signo deste Sol suspirado, foraõ as suas mortificações,

tificações, & penitencias, em que se exercitava; que supposto as occultasse a sua vigilancia, não deixavaõ de ser reveladas pela inferencia. O oitavo signo foi o grande amor de Deos, que ardia tanto em seu coração, que (como referem pessoas q̃ a communicavaõ) muitas vezes em semelhante pratica se lhe abrazava o rosto com incendios.

O nono signo deste Sol admiravel, foi a reverencia rara, com que respeitava o supremo Emperador de todos os Monarcas: como se vio em hũa occasiãõ, na qual encontrando-se com o Santissimo Sacramento, que vinha de visitar hum enfermo, se tirou promptamente da liteira, & a pè foi seguindo o Senhor pelas ruas desta Cidade, atè o seu Templo; exemplar sempre memoravel da sua Christandade rara. O decimo signo deste Sol defunto, foi a sua benevolencia affavel: como se vio na mesma Igreja, aonde acompanhou o Senhor; porq̃ achando nella hum menino para bautizar-se, lhe poz os olhos com tanto affecto, que se offerceco por sua madrinha, & assim se executou. O undecimo signo foi o desengano; porque conhecendo-se enferma, tratou logo do remedio da alma pelo Sacramento da Confissãõ, & vendo-se com algũas visinhanças do occidente, pedio o augustissimo manjar dos Anjos por Viatico. O duodecimo signo deste Sol sempre desejado, tanto como sentido, foi a ancia de salvar-se, porque julgando-se já entre os occasos da morte, pegou de hum Crucifixo, a quem dizia devotas ternuras, pedindolhe repetidas vezes indulgencia de seus defeitos. Aqui logo começãõ as confissões successivas, as invocações dos Santos, a recepção do ultimo Sacramento: em fim a absolvição gèral da nossa sagrada Ordem; o que tudo recebeo com aquelle fervor, que se esperava da sua virtude. E tendo este Sol concluidos os doze signos de perfeições em doze annos, que possuhio a Coroa desta Monarquia, se entregou aos occidentes da morte, para renascer (como esperamos) na eterna vida.

Eis aqui hũa vida breve, contando muitos seculos de virtudes: *Consummata in brevi, &c.* Mas esta consideração (como

mo eu dizia) tam longe está de ser alivio do nosso sentimento, que antes he estímulo mais vehemente da nossa dor. E a razão he: porque nestas muitas virtudes que referimos, alcançamos o muito que perdemos na sua morte; & desta maneira ficão sendo duas as causas da nossa tristeza; hũa que procede do pouco, & outra que nasce do muito; hũa do pouco tempo q' a gozamos, & outra do muito que nella perdemos; & perder muito, & lograr pouco, he ter dous males que sentir, he ter dous fundamentos para chorar. Não me deis credito, se o não differ hum Anjo no Apocalypse com todas as clausulas.

Vae, vae civitas illa magna, quae amicta erat purpura, & margaritis, quoniam in una hora destituta sunt tanta divitiae. Lê hũ Padre: *In una hora, id est, brevi momento possessionis, quia mundialis possessio brevis est.* Vem a dizer tudo: Ay, & outra vez ay daquella Cidade grande, que estando adornada com as assistencias de hũa Purpura, & guarnecida de perolas preciosas, (que são as virtudes) no discurso de hũa só hora, em que as possuhio, (porque por hũa hora se reputão todas as possessões do mundo) nessa mesma hora as perdeu todas: *In una hora.* Não sei se reparais já na difficuldade do Texto. Se a Pessoa Real, que esta Cidade perdia, era sómente hũa: *Amicta erat purpura,* como são dous os ays, q' profere: *Vae, vae?* Quereis saber o motivo? ouvi as ultimas clausulas do successo. Era hũa só a Pessoa Real que perdia; mas são dous os ays, porque nesta perda, ou morte havia pouco, & havia muito; havia muito nas muitas perolas, & riquezas de virtudes que perdia: *Destituta sunt tanta divitiae;* & havia pouco no tempo q' as lograra, que era hum momento, & quando muito hũa hora: *In una hora, id est, brevi momento possessionis.* Como havia pouco, & muito; muito na perda, & pouco no logro, por isto são dous os ays: *Vae, vae;* porque lograr pouco, & perder muito, he ter dous males que sentir, he ter dous fundamentos para chorar: *Vae, vae civitas illa, &c.*

Mas he digno de reparo, que estes dous ays vão dirigidos a hũa Cidade grande: *Vae, vae civitas illa magna.* Se perguntar-

Viegas
in Apoc.
ibid.

mos aos Expositores que Cidade grande he esta, ouviremos dizer ao Eruditissimo Viegas, que he a Cidade de Roma; mas o Texto parece que o contradiz, porque vai relatando q̄ esta Cidade tem porto de mar, Contratadores, & Navios: *Civitas illa magna, in qua divites facti sunt omnes, qui habebant naves in mari;* & Roma, (conforme nos consta) nem tem Navios, nem porto de mar, sem se entropor a distancia de muitas legoas: mais proprio a meu ver fallára, dizendo que era Lisboa esta Cidade grande, & com especialidade nesta occasiã lastimosa; porque além da razã referida, he Lisboa o ultimo termo do Occidente; & Cidade grande, onde morre hũa Purpura, não pôde deixar de ser Lisboa, que he o Occidente aonde espira hum Sol; & por essa razã não lhe chama Magestade, senão Purpura; porque o Sol de purpura se veste, quando se esconde no Occidente. Exemplo evidente tendes no Sol da esfera; & o mesmo effeito vistes no Sol que choramos, pois se vio escondido entre purpuras na ultima pompa do seu occaso.

Tu es, ò Lisboa, esta Cidade sentida, & por isso ay, & segunda vez ay de ti ò Lisboa, Cidade grande, que estando ennobrecida com a Purpura de hũa Rainha illustre, & resplandecente com as suas virtudes, que erã perolas preciosas: *Quae amicta erat purpura, & margaritis;* hum só momento a lografte: *Brevi momento;* hũa só hora a possuiste: *In una hora possessionis;* que por hũa hora, ou por hum momento devem ser julgados doze annos de hũa posse tam appeticivel: *Quia mundialis possessio brevis est.* Perdeste muito em pouco tempo, razã tens para repetir os ays, & duplicar as queixas: *Vae, vae.* Chore muito embora a Cidade de Cartago pela sua Rainha Dido: Magoe-se a Corte da Syria pela sua elegante Zenobia: Lastime-se em fim Babylonia pela sua valerosa Semiramis; pois nenhũa destas Cidades tem a razã que te acompanha, ò Lisboa, para estar sentida; porque ellas choravaõ Rainhas viciosas, & tu suspiras por hũa virtuosa Rainha: *Amicta erat purpura, & margaritis.* Aquellas Cidades choravaõ a perda depois

Textor
in Offi.
cin.

depois de hũa dilatada posse; & tu lamentas hũa breve posse com hũa dilatada perda: *In una hora possessionis destitutæ sunt tantæ divitiæ.* Chora pois ò Lisboa, & outra vez chora: chora hũa vez considerando o muito: *Væ*; chora outra vez ponderando o pouco: *Væ*. O pouco que gozastes, o muito que perdestes: *Væ, væ.*

Mas não só se podem attribuir a Lisboa os ays destinados a esta Cidade grande, mas a todo o Reyno de Portugal, porque esta Cidade grande significa a multidaõ de hum Reyno: *Non peculiarem urbem, sed universam multitudinem*, disse Alcaçar. E assim como a Cidade chora, tambem o Reyno geme: chora o commum, suspira o particular: lastima-se o Reyno, magoa-se a Cidade, que como he universal a muita perda, & pouca posse, deve ser o choro, & queixa universal. Mas supposto comprehenda geralmente a todos esta grande lastima, ainda havemos de ver no mesmo Sol, que fenece, hum exêplo que declare, em como ha quem chore mais que o Reyno, & quem se lastime mais que a Cidade nos occasos do nosso Sol magestoso.

Quando o Sol material espira no Occidente, entraõ os lutos universaes na esfera do Orbe, & logo começaõ a apparecer as Estrellas com luzes, como assistentes compassivos das suas exequias, & assim vaõ continuando até que chega a Aurora, que apenas apparece entre aquelle profundo theatro da tristeza, começa o Ceo a desfazer-se em lagrimas procedidas dos olhos da mesma Aurora, como diz o Commentador de Estacio fundado nõ conceito do mesmo Poeta: *Aurora soror Solis funestas profert lachrymas.* Bem podia eu agora reparar no segredo da natureza, perguntando a causa porque sendo todos os Astros vassallos do Sol, como dependentes de sua luz, não fazem tanta demonstração de sentimento nas suas exequias como a Aurora. Porque entre todas as Estrellas, só esta faz ostentação de lagrimas: & qual será a razão? A Astro-nomica não pertence ao nosso discurso; darei a natural politica; & vem a ser, que os mais Astros são vassallos do Sol, & a

Alcaç.
in Apoc.
ibid.

Com. ad
lib. 2.
Theb.

Aurora, como ouvistes, he sua irmã: *Aurora soror Solis funestas profert lachrymas.* E sendo a Aurora irmã do Sol defuncto, & os Astros vassallos, he certo que estes haõ de sentir menos, & aquella mais.

Já creyo que entendeis quem pôde ser este, que sente mais que o Reyno, & que a Cidade a morte do nosso Sol, ou o occaso da nossa Rainha suspirada, & se ainda o ignorais, eu já o declaro: He cada hum dos filhos da sagrada Ordem Terceira da Penitencia de N. P. S. Francisco, porque era sua Irmã aquella Senhora, que choraõ. O Reyno, & a Cidade, ainda que se lastimem muito, não podem sentir tanto, porque são como as Estrellas, & choraõ como vassallos de hũa Magestade defuncta; mas os Irmãos da Ordem Terceira são como a Aurora, sentem como irmãos de hum Sol, ou de hũa Rainha sepultada: & sendo este motivo patente a todos, com evidencia muito clara se comprehende, que ha de ser a sua magoa muito mayor que todos os mais sentimentos.

Dous objectos compassivos tinha David em Jonathas, & Saul defunctos, & devendo magoar-se mais (como politico) da fatalidade do Rey, que da desgraça do Principe, tudo fez David pelo contrario, porque mostrou a sua mayor lastima a respeito do Principe, & não do Rey: *Doleo super te frater mi Jonatha.* E a razão he esta: Para com o Rey não exaggerou a dor, porque o tratava sómente como Rey: *Abjectus est clypeus Saul, quasi non esset unctus oleo.* Para com o Principe encareceo a magoa, porque além de o estimar como Principe, tratava-o juntamente como irmão: *Doleo super te frater mi Jonatha.* Como se dava irmandade entre Jonathas, & David, por isso David foi tam singular no sentimento da morte de Jonathas; ao Rey chorava como qualquer vassallo, mas a Jonathas mais, porque o sentia como irmão proprio: *Frater mi Jonatha.*

E sendo tam especial a dor que resulta aos filhos da sagrada Ordem Terceira da Penitencia pela razão da fraternidade, não he muito que o seu cuidado, & custo concorra com tanto

tanto primor na elegancia, & magestade destas exequias, porque a sua singularidade nos representa o excesso da sua dor. Porém os filhos de Francisco, se a vossa magoa (como eu dizia) procede tambem do muito, & pouco; do pouco que lograftes hũa tam admiravel Irmãa, & do muito que perdestes naquella Rainha tam virtuosa; eu que sou neste lugar hũ Ministro de Jesu Christo, com a sua Divina palavra vos digo, a respeito da Rainha nossa Senhora, o mesmo que o Redemptor repetia na morte de Lazaro: *Lazarus amicus noster dormit: Regina Domina, & Soror nostra dormit.* Lazaro amigo nosso dorme: a Rainha Irmãa, & Senhora nossa dorme. O somno he hũa representação da morte: quem dorme, está vivo, & juntamente morto: morto, pela supressão dos sentidos; vivo, pela respiração dos alentos; não está de todo vivo, mas tambem não está de todo morto; está quasi morto, ou quasi vivo: *Dormit.* Assim a Rainha nossa Senhora (para alivio de nossas lagrimas) se não está de todo viva, tambem não está de todo morta, está quasi morta, ou quasi viva. Vamos buscar o nosso Sol no occaso, & veremos a evidencia desta razaõ.

O Sol quando se esconde no sepulchro fluctuante de seu occaso, deixa na sua falta seis Planetas, que ficam representando a sua luz; quatro delles com denominações varonis, a saber, Saturno, Jupiter, Marte, & Mercurio; & dous femininos, a saber, Lua, & Venus. Da mesma sorte a Rainha nossa Senhora deixou por substitutos da sua luz seis Planetas, ou seis filhos admiraveis; quatro delles por natureza, & denominação varonis, a saber hum Principe, & tres Infantes; & dous femininos por natureza, a saber, duas Infantes illustres: agora a razaõ: & como os filhos representão os pays, bem se infere por tantos filhos, que não está de todo morta a Rainha nossa Senhora, mas quasi viva, se está defunta pela morte, está quasi viva pela successão.

Ouvi ao Rey sabio de Jerusalem: *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus.* Falla de hum filho illustre, & bem doutrinado, & diz que morreo seu pay, & quasi que não morreo: Ecclesi 3º.

reó: *Quasi non est mortuus*. Notavel sentença! Se este pay mor-
 reó: *Mortuus est*; como dizeis vós Salamaõ, que está quasi
 não morto, que he o mesmo que estar quasi vivo: *Quasi non
 est mortuus*? E se está quasi vivo, como está morto: *Mortuus
 est*? Morreo este pay, (responde Salamaõ) porque acabou a
 vida: *Mortuus est*; mas está quasi vivo, porque deixou hum
 filho na sua morte: *Similem sibi reliquit post se*; & como deixou
 hum filho, está quasi não morto, porque naquelle successor
 está quasi vivo: *Quasi non est mortuus*. E he de advertir, que
 não lhe chama filho, senão semelhante a elle: *Similem sibi*; &
 essa he a razão porque está quasi vivo: *Quasi non est mortuus*;
 porque o serem os filhos pela representação semelhança dos
 pays mortos, he razão para que os pays depois de mortos vi-
 vaõ na representação dos filhos; & como não vivem por vi-
 da, senão por semelhança, por isso nem se pôde dizer que
 estaõ de todo mortos, nem se pôde affirmar que estaõ de todo
 vivos, mas que estaõ quasi vivos, ou quasi não mortos: *Quasi
 non est mortuus*.

Morreo a nossa Rainha, sepultou-se o Sol, mas quasi não
 se sepultou, quasi não morreo, porque deixou multiplicada
 em seis Planetas, ou em seis filhos, a sua luz, ou a sua seme-
 lhança: *Quasi non est mortua*. Mas este ainda não he o mayor
 motivo de consolação, porque ainda se contempla outro
 mais importante no mesmo Sol, que se morre no Occidente,
 nem por isso acaba; fenece por espaço de hũa noite, para re-
 nascer com novas luzes no Oriente, assim continúa o Eccle-
 siastes as palavras do nosso thema: *Oritur Sol, & occidit, & ad
 locum suum revertitur, ibique renascens, &c.* Assim a Rainha
 nossa Senhora se como Sol padecco occasos, os occasos deste
 Sol magestoso não durariaõ mais que o espaço de hũa noite,
 que he o tranze da mesma morte; porque as suas muitas vir-
 tudes nos fazem conjecturar, que logo renasceria como Sol
 no Oriente da eterna Gloria.

FINIS. LAUS DEO.